



## **ENTRE O REAL E O IDEAL: A PUBLICIDADE DOS PERFIS FEMININOS NOS JORNAIS DA CIDADE DE GOIÁS (SÉCULO XIX)**

Mônica de Paula P. Age<sup>1</sup>

De fato, a publicidade na imprensa reflete e reforça os padrões comportamentais estabelecidos socialmente em uma determinada época. No entanto, uma função que não deve ser desprezada é sua capacidade de ocultar o real em prol do ideal, principalmente, quando a matéria aborda a relação entre gêneros. Nesse sentido, os anúncios jornalísticos recebem, de um lado, a influência dos fatos concretos de seus contemporâneos e, por outro, influenciam seus leitores.

Apesar das manifestas funções publicitárias é importante estar ciente que a ênfase mais atenta ao cotidiano, às resistências, faz com que as mulheres possam ser visualizadas nas diferentes relações sociais entre os gêneros. No silêncio ou nas ações, as mulheres podem ser vistas, mesmo nas entrelinhas do discurso masculino jornalístico que as colocou nas sombras das contingências das exclusões.

A categoria gênero tem tido especial importância nas análises desses discursos masculinos na imprensa. Para Scott, gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e como sendo um modo básico de significar relações de poder.<sup>2</sup>

Outro aspecto a ser considerado, no presente estudo, é a contribuição do conhecimento histórico para a produção do saber acerca da relação de gênero. Para Scott, a história é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo por meio do qual o gênero é produzido.<sup>3</sup>

Dessa forma, o conhecimento histórico torna-se fundamental para a observação, análise e compreensão dos perfis femininos e sua publicidade nos jornais da Cidade de Goiás, durante o século XIX, tais como *A Matutina Meiapotense*, *Jornal Goyaz* e o *Correio Oficial*. Assim, buscamos uma abordagem sobre alguns aspectos que devem ser observados pelo(a) historiador(a) quando seleciona o jornal como fonte de trabalho para compreender os perfis femininos. No presente caso, trata-se de perceber as imagens das mulheres goianas durante o período imperial brasileiro.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História – Universidade Federal de Goiás. E-mail: monica.age@hotmail.com

<sup>2</sup> SCOTT, Jean. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. In: *Corpo e Cidadania*. Recife, 1990, p. 5.

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. Preface a gender and politics of history. In: *Cadernos Pagu*, n° 03, São Paulo: Campinas, 1994.



Os jornais que circularam na Cidade de Goiás, durante o século XIX, não estavam alheios às discussões que ocorriam sobre as prédicas comportamentais femininas em diferentes espaços do governo, da medicina, da Igreja e da sociedade civil, e até contribuía no sentido de forjar imagens ideais de mulher.

Em contrapartida, o discurso masculino acerca do comportamento ideal da mulher restrito às atividades do lar oculta a atuação social feminina, principalmente no que diz respeito às enfermidades femininas, à menstruação, à gravidez, ao parto e seus desdobramentos. Contrário a esse comportamento ideal percebe-se a presença inquestionável das mulheres parteiras nos seus conhecimentos práticos a respeito dos males e da preservação do corpo feminino.<sup>4</sup>

As parteiras eram mulheres que se desviavam das normas sociais estabelecidas. Pois à medida que, ao atender demandas de outras mulheres, rompiam com seus afazeres cotidianos, ultrapassavam as fronteiras bem demarcadas de dia e noite, casa e rua, não correspondendo ao perfil desejável de mulher, segundo os padrões de conduta masculina durante o período imperial brasileiro, ou seja, o de dona de casa exemplar, esposa dedicada ao marido e aos filhos.<sup>5</sup>

Para Mary Del Priore, as mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente,<sup>6</sup> e o momento do parto estava repleto de signos das práticas que as ligavam às mulheres parteiras. Nos jornais do período, publicados na província de Goyaz, como o *Goyaz*, há anúncios de estabelecimentos que vendiam preparos à base de raízes para as moléstias femininas, usados pelas mulheres parteiras quando da realização do parto.

CASA  
DE  
SIMÃO DE SOUSA  
A RUA MORETTI FOGGIA  
(ANTIGA DIREITA)

Acaba de receber variado sortimento de vinhos do porto, engarrafados e em barril, dito tinto, branco e de cevada. Passas novas, amêndoas confeitadas, em cartuchos e fantasias.  
Caixa com doce de Lisboa.

---

<sup>4</sup> Durante o curso de mestrado em História, minha pesquisa contemplou as mulheres parteiras na Cidade de Goyaz, durante o século XIX. As mulheres parteiras, por terem compreensão em torno da mulher, do seu corpo e dos mecanismos de manipulação em relação a ele, representavam grandes preocupações masculinas. Seu comportamento deveria ser vigiado e se preciso punido. Para o discurso médico, a ignorância e a imoralidade as caracterizavam; já para a concepção feminina da época, seus conhecimentos práticos da arte de partejar, curar e muitas vezes interromper gravidez indesejada representavam a possibilidade de laços de solidariedade.

<sup>5</sup> MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 54.

<sup>6</sup> DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 95.



Na mesma casa vende também o lírio amarelo para ajudar no parto e todo tipo de chá, engarrafado, feito por senhora, para curar todas as moléstias das mulheres.<sup>7</sup>

O referido anúncio permite-nos tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, a persistência das tradições, vislumbrada no fato de que, nos casos das enfermidades femininas, a procura por mulheres que curam a partir de conhecimentos práticos permanece durante todo o período imperial. Em segundo lugar, as mulheres mais velhas, por meio de suas experiências, cuidavam dos males de outras mulheres, principalmente das doenças uterinas, com receitas de chás à base de ervas ou flores.<sup>8</sup> Aliás, se havia anúncios desses produtos nos jornais é porque havia consumidoras. E mais, as mulheres goianas elaboravam redes de solidariedade entre elas, compartilhando segredos e cuidados.

O que se pode inferir, ainda, dessa publicidade, é que as mulheres goianas quase sempre desenvolveram estratégias de se opor aos mandos masculinos. Não atendiam às diferentes proibições de usos e costumes da cidade, uma vez que a imposição das normas médicas, no período, negava a cura dos males femininos e a assistência ao parto oriundos de conhecimentos práticos e buscavam no Estado um aliado, exigindo da mulher novo perfil de conduta na cura de seus males por intervenção médica.

Atenta-se para o fato de que, na Cidade de Goyaz do século XIX, o jornal atingia um pequeno grupo social uma vez que havia um número reduzido de pessoas letradas. Assim, o anúncio supra citado, também, revela que as mulheres da elite goiana não deixaram de desenvolver estratégias que firmassem a rede de solidariedade entre elas e as mulheres pobres, contribuindo com atitudes de resistência aos mandos masculinos.

Diante do comportamento feminino oposto aos padrões morais da sociedade, os anúncios publicitários sobre o perfil ideal da mulher passaram a ser prioridade; pois, no imaginário masculino, era necessário reforçá-los.

O *Correio Oficial*, pertencente ao governo da Província de Goiás, propagava o perfil ideal feminino através da trindade da mulher: mãe, esposa e filha.

[...] E a missão da mulher na vida da humanidade, é uma trindade santa!

Mãe – é a expressão do que há de mais sublime sobre a terra! Seu coração é o cofre do amor e da bondade.

Esposa – é a nossa companheira inseparável, quer nas nossas dores, quer nos nossos prazeres. É um outro nós que nos consola, quando sofremos; que nos alenta, quando sentimo-nos sem força; que ri nas nossas alegrias, e chora nos nossos sofrimentos; que enfim, ajuda-nos a levarmos nossa cruz por esse caminho escabroso da vida.

Filha – é uma sagrada, onde depositamos todas as nossas esperanças onde encerramos todo o nosso futuro; que as filhas são pedaços de nossa alma; são fibras de nosso coração!

<sup>7</sup> Jornal Goyaz, nº 0244, de 23/05/1890. In: AGE, Mônica de Paula. *As mulheres parteiras na Cidade de Goyaz (Século XIX)*. 2002, 117 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002, p. 20.

<sup>8</sup> AGE, Mônica. Idem, *ibidem*.



Eis a trindade gloriosa da mulher. É della, pois, que dependem nossos destinos; todos gravitamos em torno della, como a terra em torno do sol [...].<sup>9</sup>

Nesse discurso sobre a santidade feminina, percebe-se um discurso apologético que lisonjeia a mulher para melhor submetê-la aos ditames masculinos. Se, cabia a mulher o bom devir do homem, o recato feminino seria o único caminho ao alcance da ordem social. Trata-se de um querer masculino que fabrica discursos sutis sobre a pureza física e mental das mulheres, pois divulgar e reforçar o perfil ideal feminino significava poder impor e controlá-lo.

Para Mary Del Priore, o elogio às qualidades femininas era a melhor maneira de aprisionar a mulher dentro de um modelo único no qual ela deveria ser casta, pura e obediente ao homem.<sup>10</sup>

Oscilando entre o sublime e o satírico, os jornais goianos, da época em estudo, explicitavam aspectos do temperamento feminino, o qual variava de acordo com a faixa etária, como pode ser verificado no anúncio a seguir.

#### As mulheres e os líquidos

As mulheres, diz um periódico russo, na infância são água; dos 12 as 15 anos – limonada gasosa; dos 15 as 25 – champagne; dos 25 as 40 – licor; dos 40 as 50 anos – vinho do porto feito em casa; e dos 50 as 60 – vinagre.<sup>11</sup>

Além do caráter misógino do anúncio citado, o comportamento feminino aparece dotado de significados negativos e desqualificadores, exceto a fase do encantamento, dos 15 aos 25 anos, reforço dos desejos do masculino. Daí a necessidade, também, de discipliná-lo pois era necessário que a mulher permanecesse casta até o momento do casamento já que a pureza feminina era uma imposição da sociedade machista do século XIX.

Assim, a imprensa local, tão preocupada com a honra da família e principalmente com a reputação do marido, adverte em tom jocoso um modelo de mulher ideal para o casamento.

Há por este mundo ainda muita gente ruim que falla contra a mulher feia. E, no entanto, a mulher feia é o maior thesouro de que se posa ufanar o gênero humano. O ciúme, o zelo, o amor, esses três inimigos roedores do nosso espírito e da nossa tranqüilidade, desaparecem espavoridos perante a mulher feia.

O marido da mulher feia é quase sempre alegre, rubicundo, gordo e amigo do próximo. O marido da mulher bonita é desconfiado, inquieto, nervosos e mal crado quase sempre [...].<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Correio Official, nº 05, de 17/01/1880. In: RABELO, Danilo. *Os excessos do corpo: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889*. 1997. 225 f.. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997, p. 161.

<sup>10</sup> DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 22.

<sup>11</sup> Jornal Goyaz, nº 247, de 13/06/1890.

<sup>12</sup> Correio Official, nº 57, de 31/10/1874. In: RABELO, Danilo. Op. Cit., p. 160.



Nesse escrito, está presente a figura da mulher sedutora, encantadora, perigosa, desonesta que trai ferindo a honra masculina. Comportamento feminino negativo e desqualificador do poder masculino sobre o feminino.

Contra a astúcia feminina, em 1832, o jornal, *A Matutina Meiapontense* já advertia:

Mulheres há loucas que só por interesse se liga a homens velhos, ou viciosos, ou atacados de enfermidades, que fazem ao depois a ruínas de seus innocentes filhos.<sup>13</sup>

Note-se também, o registro crítico ao homem movido pelo sentimento ou quicá desejoso de sua virilidade, de sua masculinidade, de expressar o ser homem de sua época.

A proposição condiz com a educação masculina do século XIX de base machista. Maria Izilda Matos afirma que o homem deveria primar pela razão, ser viril, não se deixar envolver pelos sentimentos. A autora acrescenta ainda que se apregoava o homem isento de emoção, o que exigiria que abandonasse uma parte de si mesmo, que fosse independente e só contasse consigo mesmo, jamais manifestando emoção ou dependência, sinais de fraqueza, sinais femininos.<sup>14</sup>

Da mulher ideal à mulher real em que esta, causa da perdição; aquela, causa do encanto. Perfis antagônicos, oriundo do universo masculino, revelam tensões na relação de gênero em face de um processo permeado pelo poder.

Nesse sentido Matos, a partir da categoria gênero, analisa a relação de poder entre homens e mulheres. Afirma a autora que a categoria gênero, por sua característica relacional, implica a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino que se definem um em função do outro, uma vez que se constitui social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Suas produções, por meio de símbolos, jogos de significação e cruzamento de conceitos normativos, reforçam as relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma de relação de poder.<sup>15</sup>

Se, por um lado, havia certo consenso da submissão feminina aos ditames masculinos; por outro, o próprio conteúdo do discurso masculino era objeto de controvérsia, cujo ponto central situava-se em torno do reconhecimento ou da negação da mulher transgressora.

A veiculação pela imprensa dos discursos elaborados por mulheres, ainda que raros no Brasil do século XIX, possibilita o reconhecimento das tensões na relação de gênero.

---

<sup>13</sup> Jornal *A Matutina Meiapontense*, nº 276, de 13/01/1832. In: TELES, José Mendonça. *A Imprensa Meiapontense*. Goiânia: CERNE, 1989, p. 139.

<sup>14</sup> MATOS, Maria Izilda S.. O ébrio apaixonado: perfis de gênero no imaginário da MPB (1930-1950). In: SANTOS, Dulce O. Amarante dos; TURCHI, Maria Zaira (orgs.). *Encruzilhadas do imaginário: ensaios de literatura e história*. Goiânia: Cãnone, 2003, p. 112.

<sup>15</sup> MATOS, Maria Izilda. Gênero e história: percursos e possibilidades. In: SCHUPUN, Mônica (Org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997, p. 80.



Norma Telles esclarece que, no Brasil Imperial, algumas mulheres publicaram em jornais, visando esclarecer as leitoras, dar informações e até mesmo fazer reivindicações objetivas.<sup>16</sup>

Nos jornais da Cidade de Goiás durante o século XIX o discurso masculino predominava. Entretanto, ainda que raro, a mulher goiana estava presente com seus escritos negando a resignação e constrangimento feminino que repousava na dominação do homem.

O jornal goiano, *A Matutina Meiapontense*, noticiou o descontentamento feminino frente ao sistema opressor.

[...] Nunca me casei por não me sujeitar a praticar os mais humilhantes e abjetos serviços, que aqui exigem os maridos de suas mulheres. [...] É verdade que nossa condição ainda é a mesma, mas nossas filhas gozarão bens, que nós, as goianas, só gozamos na imaginação [...].<sup>17</sup>

Esses anúncios jornalísticos, da época, não mudavam o papel social da mulher goiana, mas criavam condições para atingir este fim. É o desejo de redefinir, também, a masculinidade, o modelo vigente de casamento opressor, da violência masculina contra a mulher no âmbito familiar, assim como questionar a organização social profundamente hierárquica, autoritária e excludente.

O que se pode inferir, ainda, dessa publicidade, é que provocava uma insegurança no universo masculino e temor em relação ao futuro. A mulher, sendo a principal provedora da educação dos filhos e convivendo mais tempo com eles, poderia inculcar em suas proles valores adversos da sociedade vigente e desestabilizar o futuro. Assim, era necessário vigiar e direcionar as mulheres na formação moral das futuras gerações ou seja na manutenção dos mandos masculinos.

Formas diferentes de expressão e de reivindicação, mas que reforçavam a insatisfação da mulher em ser submissa ao perfil desejado e elaborado pelos homens que, por muito tempo, sozinhos fizeram uso do jornal. Este cumpria seu papel de elemento de controle, realçando também a força do tipo ideal feminino e ampliando o domínio sobre as mulheres.

Para Karla Dahse Nunes, é através principalmente dos jornais, que são construídos os imaginários, as sensibilidades e o ideal mesmo dentro de uma discursividade. Os preconceitos e estereótipos não se rompem da noite para o dia.<sup>18</sup>

Entretanto, o jornal, veículo de comunicação predominantemente masculino, durante o século XIX, tornou-se aos poucos um dos dispositivos para que a mulher expressasse seus sentimentos contrários aos perfis impostos pela sociedade da época. Provavelmente as escritas de

<sup>16</sup> TELLES, Norma. Escritas, escritoras, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 426.

<sup>17</sup> Jornal *A Matutina Meiapotense*, nº 115, de 21/07/1831?.

<sup>18</sup> NUNES, Karla Leonora Dahse. Antonieta de Barros: uma história. In: MORGÁ, Antônio (Org). *História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Argos, 2001, p. 267.



autoria feminina, quando veiculadas nos jornais, eram incorporadas, principalmente, ao cotidiano masculino com estranhamentos e resistência.

Vejamos um escrito feminino publicado em 1890 pelo jornal *Goyaz*. Nele, a escrita feminina revela reivindicações objetivas concernentes à igualdade entre os gêneros.

#### Emancipação da Mulher

[...] No primeiro período de nossa vida nacional dominaram os homens, nos princípios de ordem e autoridade, no segundo porém, em que estamos, imperam os de autonomia e liberdade.

A ocasião é, pois, mais que oportuna para a propaganda da idéia da igualdade econômica, social e política dos dous sexos. [...]

*Goyaz*, 20 de Maio de 1890.<sup>19</sup>

A intenção de desprezo acerca do mando masculino é clara. A mulher política questiona o modelo moral vigente e propõe uma reorganização da sociedade. Tendo em mente uma sociedade fundada na igualdade social entre os gêneros, critica a moral social machista e aponta os rumos de sua fragilidade ou quiçá de sua superação.

O perfil apresentado, ao mesmo tempo em que escapa dos papéis supostamente femininos, revela a fragilidade da imposição do discurso masculino. Este, deseja a mulher zelosa, atenciosa nos afazeres de casa e nos cuidados da família. Ao passo que ela deseja reivindicar, ser política, contrariar o perfil ideal de mulher presente nos discursos masculinos.

Diante do exposto, pode ser afirmado que os jornais que circulavam na Cidade de Goiás, durante o século XIX, constituíram-se enquanto fonte reprodutora do discurso da sociedade machista. Trata-se de um instrumento masculino que fabricava, divulgava e reforçava o perfil ideal feminino em nome de um pressuposto bem social.

Simultaneamente, assiste-se a uma inserção tímida, mas significativa, das publicidades escritas por mulheres, acentuando os conflitos na relação entre gêneros. Portanto, averiguamos que os perfis das mulheres divulgados nos jornais da Cidade de Goiás no período em estudo, oscilam entre o real e o ideal feminino. Verificamos também que a publicidade reflete e reforça padrões comportamentais estabelecidos, contudo pode trazer à tona diferentes formas do imaginário humano. Entre eles as relações de poder, as tensões e as resistências entre os gêneros.

---

<sup>19</sup> *Jornal Goyaz*, nº 244, de 23/05/1890.



## BIBLIOGRAFIA

- AGE, Mônica de Paula. *As mulheres parteiras na Cidade de Goyaz (Século XIX)*. 2002, 117 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1997
- MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- MATOS, Maria Izilda S.. O ébrio apaixonado: perfis de gênero no imaginário da MPB (1930-1950). In: SANTOS, Dulce O. Amarante dos; TURCHI, Maria Zaira (orgs.). *Encruzilhadas do imaginário: ensaios de literatura e história*. Goiânia: Cênone, 2003.
- \_\_\_\_\_. Gênero e história: percursos e possibilidades. In: SCHUPUN, Mônica (Org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- NUNES, Karla Leonora Dahse. Antonieta de Barros: uma história. In: MORGA, Antônio (Org). *História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Argos, 2001.
- RABELO, Danilo. *Os excessos do corpo: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889*. 1997. 225 f.. Dissertação ( Mestrado em História) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.
- SCOTT, Joan. Preface a gender and politics of history. In: *Cadernos Pagu*, nº 03, São Paulo: Campinas, 1994.
- \_\_\_\_\_. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. In: *Corpo e Cidadania*. Recife, 1990
- TELES, José Mendonça. *A Imprensa Meiapotense*. Goiânia: CERNE, 1989.
- TELLES, Norma. Escritas, escritoras, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- VENTURA, Margarida Garcez. O ofício de rei no Portugal quatrocentista: teoria e práticas de poder. In: NOGUEIRA, Carlos (Org). *O Portugal medieval. Monarquia e sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010.

## FONTES

- Correio Oficial, nº 05, de 17/01/1888; nº 57, de 31/10/1874 e nº 05, de 17/01/1880.  
Jornal Goyaz, nº 247, de 13/06/1890; nº 0244, de 23/05/1890 e nº 244, de 23/05/1890.  
Jornal A Matutina Meiapotense, nº 276, de 13/01/1832, , nº 115, de 21/07/1831?.